

Sicsu: explicações não convencem

"A questão mais importante em discussão, o aumento nos custos da obra de 45 para 156 milhões de dólares, continua em aberto, porque foi mal respondida". Assim, o ex-coordenador do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, Benjamin Sicsu, analisou o depoimento do presidente da Cesb, William Penido, na sessão de ontem da Comissão do DF no Senado.

Para Benjamin Sicsu, não faz sentido o presidente da Caesb, William Penido, justificar a elevação nos custos da obra devido ao aumento de 600% registrado no Índice Nacional da Construção Civil (INCC), entre novembro de 85 —

data do primeiro convênio assinado para a despoluição do lago — e julho deste ano, quando se apresentou o novo orçamento, de 156 milhões de dólares.

"Não se pode utilizar o INCC para corrigir os preços como um todo", afirmou Benjamin Sicsu, acrescentando que a totalidade envolve três partes: equipamentos, mão-de-obra e materiais, usados na construção civil.

Ainda de acordo com o ex-coordenador do Meio Ambiente, grande parte da mão-de-obra e dos equipamentos tiveram reajustes, no período citado pelo presidente da Caesb, bem inferiores ao aumento do dólar. Por isso, na sua

opinião, o reajuste de 600% no INCC só pode ser aplicado aos materiais da construção civil (cimento, ferro, madeira), que representam apenas 25% do valor total da obra.

Benjamin Sicsu argumentou, ainda, que o convênio de novembro de 85 já incluía os gastos com equipamentos, mão-de-obra e materiais de construção civil. Insatisfeito com as respostas de William Penido, quanto às questões financeiras, o ex-coordenador reafirmou que a discussão sobre os aspectos técnicos da obra passa necessariamente pela apresentação do Relatório de Impacto Ambiental (Rima).